











UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reitor*  
*Vice-reitor*

Vahan Agopyan  
Antonio Carlos Hernandez



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Diretor-presidente*

Lucas Antonio Moscato

COMISSÃO EDITORIAL

*Presidente*

Rubens Ricupero

*Vice-presidente*

Valeria De Marco

Carlos Alberto Ferreira Martins

Clodoaldo Grotta Ragazzo

Maria Angela Faggin Pereira Leite

Ricardo Pinto da Rocha

Tânia Tomé Martins de Castro

*Suplentes*

José Roberto Castilho Piqueira

Marta Maria Galdes Teixeira

Sandra Reimão

*Editora-assistente*

Carla Fernanda Fontana

*Chefe Div. Editorial*

Cristiane Silvestrin

FERNANDO ATIQUE

# ARQUITETURA EVANESCENTE

O DESAPARECIMENTO DE EDIFÍCIOS  
CARIOCAS EM PERSPECTIVA HISTÓRICA



Copyright © 2019 by Fernando Atique

Processo Fapesp 2018/09137-2 – Auxílio à Publicação

Ficha catalográfica elaborada pela  
Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)

---

Atique, Fernando

Arquitetura Evanescente: O Desaparecimento de Edifícios  
Cariocas em Perspectiva Histórica / Fernando Atique. – São  
Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2019.

192 p.: il.; 25,5 cm.

Inclui fotos.

ISBN 978-85-314-1753-5

1. Arquitetura – Rio de Janeiro. 2. Palácio Monroe. 3. Solar  
Monjoie. 1. Título.

CDD-720.98153

---

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo  
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária  
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil  
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150  
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2019

Foi feito o depósito legal

*A Ramez Atique,  
que tanto me ensinou sobre as cidades e suas construções  
pelo simples fato de senti-las com olhos de poeta  
e de me mostrá-las com satisfação de pai.*





## SUMÁRIO

11	<b>PREFÁCIO</b> Vaidades Demolidoras, Vazios Reveladores <i>Bruno Carvalho</i>
15	<b>INTRODUÇÃO</b> “Picaretas, Canetadas, Pás de Cal”: A Década de 1970 e o Ímpeto Demolidor em Revista
	<b>PALÁCIO MONROE</b>
37	<b>CAPÍTULO 1</b> O Edifício Imigrante: Fortuna Crítica e Memória Visual do Palácio Monroe
45	<b>CAPÍTULO 2</b> Monroe em “Campanhas”: Periodismo, Leitores, Demolição e Clonagens
61	<b>NARRATIVA VISUAL DO PALÁCIO MONROE</b>
	<b>SOLAR MONJOPE</b>
99	<b>CAPÍTULO 3</b> O “Manifesto Construído”: O Solar Monjope, da Idealização à Recepção Social
123	<b>CAPÍTULO 4</b> “Toldando” o “Solar”: Mercado Imobiliário, Reconfiguração Cultural, Fracassos Preservacionistas
141	<b>NARRATIVA VISUAL DO SOLAR MONJOPE</b>
163	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> Percursos do Patrimônio
171	Referências
183	Agradecimentos
187	Crédito das Imagens



PREFÁCIO    **VAIDADES DEMOLIDORAS,  
VAZIOS REVELADORES**

Em setembro de 2018, um incêndio destruiu o edifício do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Queimou um dos principais museus de história natural do planeta, sede de um centro de coleção, formação e difusão de conhecimentos. O fogo atingiu um patrimônio de inestimável valor social, histórico, político e arquitetônico. O evento coincidiu com a intensificação e ascensão de projetos políticos claramente comprometidos com a pulverização de conhecimentos históricos. Neste brilhante livro, Fernando Atique não alude a essa conjuntura, que de fato sucede o seu minucioso trabalho de pesquisa. Mas o leitor angustiado com o descaso, evanescência, ou manipulações da memória histórica encontrará aqui um potente antídoto.

O adjetivo *evanescente* está ligado etimologicamente à *vaidade*, através da origem comum em *vanus*. A mesma raiz remete ao *vazio*, *vácuo*, *vão*. Atique foca em dois edifícios destruídos na década de 1970 no Rio de Janeiro, em pleno período ditatorial: o Palácio Monroe, Pavilhão Brasileiro na exposição conhecida como a Feira Mundial de St. Louis, de 1904, e que, após ser reconstruído na então capital brasileira, passa a sediar a Câmara dos Deputados e o Senado Federal; e o Solar Monjope, construído no final dos anos de 1920 como residência do crítico e médico José Marianno Filho, um dos principais expoentes do movimento neocolonial de arquitetura no Brasil. *Evanescer* evoca desaparecimento, impermanência, esquecimento. Como em um palimpsesto, aqui o desaparecido ressurgue. As estruturas derrubadas deixam um vazio no espaço, mas não na memória e no imaginário. Com admirável

sensibilidade, mas sem sentimentalismo, Atique faz visível e legível a “arquitetura evanescente” do Palácio Monroe e do Solar Monjope. Reunindo erudição e leveza, ousadia teórica e rigor analítico, o autor situa os dois edifícios em perspectiva histórica, reconstruindo e revelando suas materialidades, estruturas discursivas e elementos simbólicos.

No caso do Museu Nacional, uma espécie de esquecimento cultural, político e institucional antecede a destruição. Sabemos, evidentemente, que o edifício funcionava como espaço fundamental para inúmeros visitantes, estudiosos, moradores. Mas a antiga residência imperial deixou de estar inserida em circuitos sociais do poder político e econômico. Atique abre sua introdução indagando “de que maneira é possível uma história da não preservação?”. Seu livro nos ajuda a refletir sobre o suposto “ímpeto demolidor” que marca tanto a história carioca. A introdução lembra, por exemplo, o “Bota Abaixo” do período Pereira Passos e a abertura da Avenida Presidente Vargas, assim como as demolições dos Morros do Castelo e Santo Antônio, de igrejas coloniais e do mercado municipal da Praça xv. Pode ser tentador concluir que uma certa vaidade produz os vazios deixados por tantas destruições, alimentada pela constante perseguição do novo. De fato, a atenção voltada para os megaeventos e novos museus no período recente contrasta com a negligência em relação ao patrimônio histórico. Ao Museu Nacional, somemos o Maracanã reformado, do qual sobrou pouco mais do que a fachada original, e tantos outros exemplos menos monumentais.

Há também, ao mesmo tempo, uma dose de vaidade em discursos saudosistas que ressaltam a suposta particularidade do “ímpeto demolidor” carioca. Atique nos lembra, só nas décadas de 1960 e 1970, das destruições da antiga Penn Station nova-iorquina, em estilo *beaux-arts*, e do tradicional mercado Les Halles em Paris. Desenvolvimento e nostalgia tendem a coexistir em uma relação de interdependência. Em ambos, imagina-se um tempo imóvel e desejável, mas sempre para além do alcance – no primeiro caso, projetado no futuro; no segundo, no passado. O premiado Palácio Monroe, ensina Atique, nasceu sob o signo do modelo estado-unidense, de desenvolvimento e avanços tecnológicos, revestido por referências a modelos estéticos europeus. O Solar Monjope buscava recuperar preceitos arquitetônicos da tradição colonial. O primeiro foi uma edificação pública situada em uma área central da cidade. O segundo, apesar da função como “manifesto construído” do movimento neocolonial, era um edifício privado, rodeado por árvores, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, numa avenida que ganhou usos residenciais ao longo do século xx. Em ambos, havia uma preocupação com o Brasil e o seu lugar no mundo moderno – e a inabalável presunção de que na arquitetura estava em jogo parte dos destinos da nação.

Ainda que com graus de mobilização bastante diferentes, a perspectiva de destruição do Palácio e do Solar suscita um viés preservacionista na sociedade carioca. Os processos, conflitos, resoluções e sobrevivências desses “edifícios evento”, analisados aqui com riqueza de detalhes e lucidez, são fascinantes e reveladores. Lucio Costa, não surpreendentemente, emerge como figura importante, mas o leitor passará a conhecer uma série de outros personagens. No caso do Palácio prevalece a visão de especialistas preocupados com o “desafogo urbano.” No do Solar, vigora o direito da família de revender a propriedade privada a uma construtora. O preservacionismo no Rio de Janeiro obteria conquistas importantes, como as iniciativas que levam ao Corredor Cultural na década de 1980. Parte do dever do historiador é o de também atentar para o que não aconteceu, evitando conferir inevitabilidade a processos históricos condicionados por variantes múltiplas, dinâmicas e instáveis, e necessariamente, até certo ponto, determinados por elementos fortuitos. Eventos e processos históricos sempre poderiam ter ocorrido de outras formas. No caso da arquitetura apresentada neste livro, o que poderia ter sido foi a preservação, e o que era concreto evanesceu. Atique mostra os rastros do que deixou de ser concreto – e não de todo evanesce.

A consolidação de padrões globais de consumo, estética e mídia parece haver forjado sujeitos políticos cada vez mais sincronicamente e menos diacronicamente comparáveis. Em outras palavras, há mais semelhanças entre discursos e fantasias políticas de alguns cariocas e certos eleitores de Manilla, Budapeste e Indianapolis do que em relação aos seus antecessores de apenas algumas décadas atrás. Esse fenômeno encontra correspondências em nossas cidades. Há mais semelhanças entre algumas formas arquitetônicas e urbanas de novos empreendimentos da Zona Oeste carioca e de outras cidades contemporâneas do que em relação ao Rio de Janeiro do passado. Atique jamais perde de vista as dimensões nacionais e transnacionais, inerentes à modernidade global. Mas ao focar a investigação nos circuitos sociais do Palácio Monroe e do Solar Monjope, uma série de especificidades e diferenças se impõe. De maneira sempre criteriosa, Atique traz à tona uma variedade de fontes, nos legando um estudo que muito nos ensina sobre o lugar da arquitetura no Rio de Janeiro do nosso tempo. Os leitores se depararão com fotografia, historiografia e teoria, assim como materiais de processos (de órgãos como o Iphan), de imprensa, entrevistas, blogs. Guiados pelo autor, em meio a uma pluralidade de vozes e perspectivas, temos um livro que se acerca do que desejamos da urbanidade.

BRUNO CARVALHO  
Harvard University

LANÇAMENTO 2019

# JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

[www.edusp.com.br/loja](http://www.edusp.com.br/loja)

LIVRARIAS

[www.edusp.com.br/livrarias](http://www.edusp.com.br/livrarias)

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

[divulga@usp.br](mailto:divulga@usp.br)